

Canal abre caminho para turismo no interior

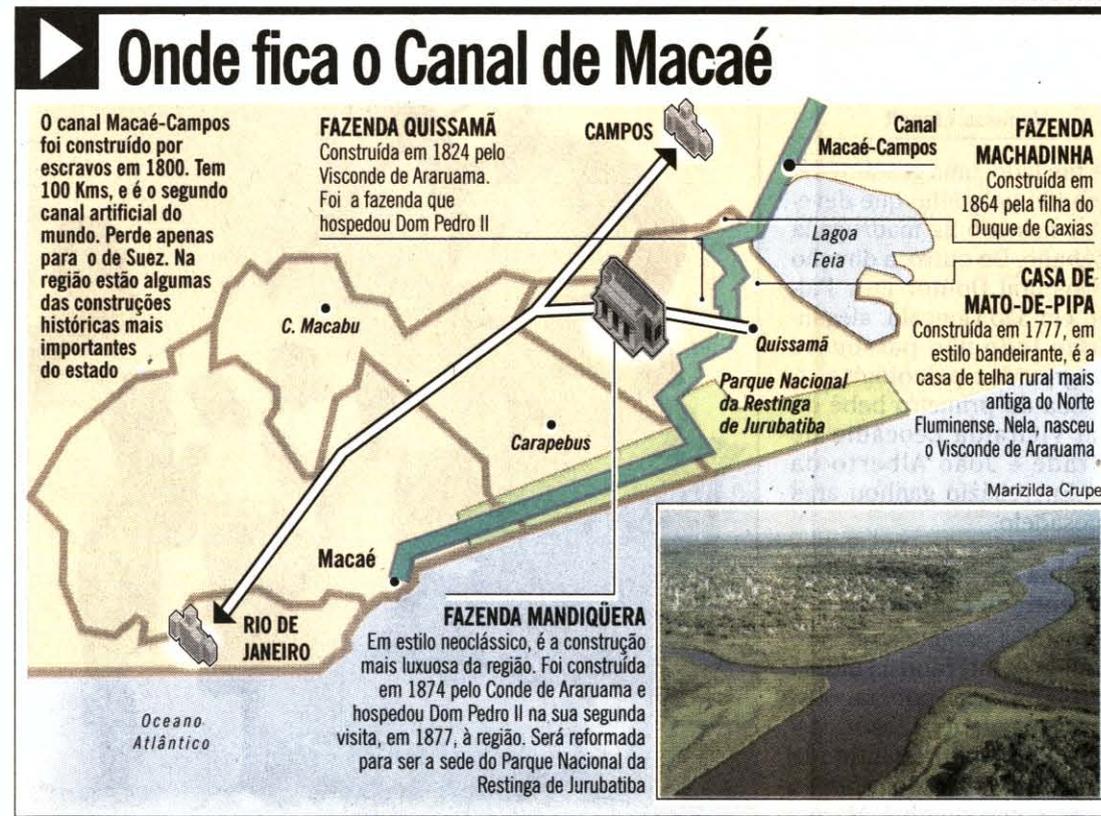
A obra, da época do Império, é o ponto de partida para roteiros históricos e ecológicos no Norte Fluminense

Paulo Roberto Araújo

• Uma das maiores obras de engenharia do Brasil no tempo do Império, um canal artificial de cem quilômetros entre Macaé e Campos, será o ponto de partida para incentivar o turismo histórico e ecológico no Norte Fluminense. Construído por braços de escravos entre 1843 e 1861, o canal foi usado para escoar a produção canieira durante 15 anos e abandonado quando chegou a estrada de ferro. Ele é o segundo canal artificial do mundo — o primeiro é o de Suez — e será mostrado, dia 7 de abril, a presidentes de 27 conselhos estaduais de engenharia e arquitetura. Eles estarão no Rio para participar do colégio de presidentes dos Creas do Brasil.

Canal corta vários sítios históricos e um parque

Considerada uma obra faraônica para a época, sua construção foi supervisionada em 1847 por dom Pedro II, que hospedou-se na Fazenda Mandiquêra, um dos vários sítios históricos cortados pelo canal. Entre o Rio Paraíba, em Campos, e o Porto de Macaé, passando pela Lagoa Feia, o canal corta os municípios de Quissamã e Carapebus e o Par-



que Nacional da Restinga de Jurubatiba. Com largura média de 15 metros, ele ainda é navegável em vários trechos, como o de Quissamã, justamente onde ficam os sítios históricos e o parque.

— O canal corta a última região agreste que temos sem poluição. Foi a maior obra do

Império fora das cidades. — Aquela região, incluindo o Parque de Jurubatiba, constitui um complexo turístico impressionante a ser explorado — afirma o presidente do Crea-RJ, José Chacon de Assis, que montou uma exposição de fotografias do parque.

Antes da construção do ca-

nal, o açúcar produzido em Campos e Quissamã era transportado em carros de boi até o Porto de Macaé. Além de escoar a produção, o canal também serviu para sanear a região pantanosa de Quissamã, na época infestada de mosquitos transmissores da febre palustre. A opção de transporte

pelo Rio Paraíba e pelo mar foi descartada porque o percurso era maior e a rota não atenderia às fazendas de Quissamã.

Segundo o arquiteto Rodrigo Machado, que estuda os sítios históricos do local, o canal tem tudo para ser o caminho para a criação de um eixo de desenvolvimento sustentável no Norte Fluminense. Com apoio do Crea, ele está montando um roteiro histórico, rural e ecológico na região.

— Temos a chance de promover o desenvolvimento sustentável da região aproveitando esta grande obra — avalia.

Parque ecológico também será atração

O professor titular do Departamento de Ecologia da UFRJ, Francisco Esteves, é um dos mais de cem cientistas que estudam o Parque de Jurubatiba, cortado pelo canal. Ele também acha possível criar um corredor de ecoturismo ali. O presidente da Turismo, Sérgio Ricardo de Almeida, é da mesma opinião e vai mais além. Ele acredita que a sua criação vá transformar o Norte Fluminense num produto turístico viável:

— A restinga possui beleza natural exuberante e o passeio resgata a história do Brasil. ■

Reserva da biosfera

• Com 14 mil hectares, o Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba, no Norte Fluminense, foi reconhecido em 1992 pela Unesco como reserva da biosfera num estudo assinado por 126 cientistas. A reserva possui 12 lagoas e é um dos trechos do litoral brasileiro de maior diversidade de recursos naturais.

Como o parque é recente e ainda não possui plano de manejo, as visitas são feitas apenas com acompanhamento de guias turísticos ou em carros de agentes do Ibama. O parque ocupa uma faixa de orla de 44 quilômetros ao longo dos municípios de Macaé, Quissamã e Carapebus. Em toda a sua extensão, existem praias virgens. A idéia é que o parque passe a fazer parte de um corredor de ecoturismo junto com o canal da época do Império, entre Macaé e Campos.